

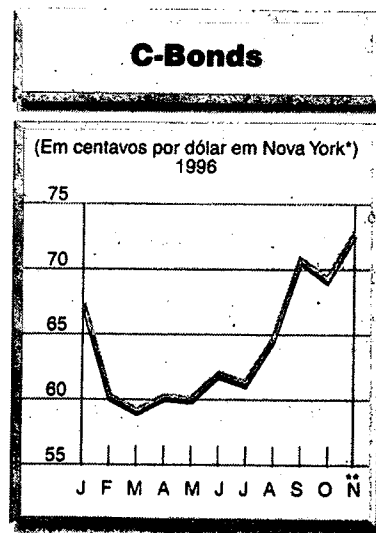
Fundos da dívida externa saem do vermelho

Títulos voltam a subir e têm sido beneficiados pela queda das taxas de juros de longo prazo nos Estados Unidos, segundo analista

por Raquel Balarin
de São Paulo

Depois de um outubro no "vermelho", os fundos de investimento que aplicam em títulos da dívida externa brasileira voltaram a registrar rentabilidades positivas este mês. "Houve uma correção técnica no mês passado. Mas os papéis já voltaram a subir e têm sido beneficiados pela queda contínua das taxas de juros de longo prazo nos Estados Unidos, entre outros fatores", diz Alan Burstin, responsável pela administração do fundo "offshore" de títulos da dívida do banco Matrix.

O Matrix tem no total quatro fundos que aplicam em títulos da dívida externa - um "offshore" (Matrix Brady Fund), um local (Matrix Skill) e dois fundos fechados (Geo 2001 e Geo 2001 Plus), que operam exclusivamente com títulos IDU e têm perfil de renda fixa. O Matrix Brady foi lançado no final de julho e tem atualmente um patrimônio de US\$ 16 milhões. Em agosto, o fundo rendeu 4,03%, em setembro, 7,04% e, no mês passado, o rendimento despencou para 5,71% negativos. "Agora, em novembro, já acumulamos uma rentabilidade positiva de 3,5%", afirma Carlos Ambrósio, diretor do Matrix. O mesmo ocorre com o fundo local do banco, com um patrimô-



Fonte: Lopez Leon Brokers S.A. e Centro de Informações da Gazeta Mercantil
* Cotação de venda
** Dia 25.

nio de US\$ 10 milhões. O Matrix Skill teve uma rentabilidade negativa de 1,15% em outubro e, até o dia 18 deste mês, acumulava alta de 1,77%.

Outro fundo local que está em recuperação neste mês é o Bozano, Simonsen Brady, um FIF de 60 dias com um perfil um pouco mais conservador que o do Matrix. O regulamento do Matrix Skill permite a operação em todos os mercados de dívida e a alavancagem de até 200% do patrimônio do fundo em posições compra-

das e de até 100% em posições vendidas. "No fundo do Bozano, operamos de forma passiva, acompanhando as oscilações do mercado. No máximo estamos posicionados com uma vez o valor do patrimônio", diz Régis Lemos de Abreu Filho, gerente de derivativos da área de fundos de investimento do banco Bozano, Simonsen.

Em outubro, o fundo Brady do Bozano teve uma rentabilidade negativa de 2,66%. E, em novembro, acumulou uma valorização de 0,63%. "No mês passado, houve uma demanda grande no mercado local por hedge com operações de câmbio e de juros. E isso levou muitos investidores a realizar lucros nos bradies (títulos da dívida), que vinham acumulando altas seguidas", afirma o gerente de derivativos. Além do fundo local, o Bozano administra outros dois fundos de investimento no exterior fechados, que aplicam em C-bonds e em EI. Juntos, esses dois fundos têm um patrimônio de US\$ 9 milhões.

Entre os fundos de investimento no exterior que aplicam em títulos da dívida, o Scala, do Sudameris, é um dos que acumulam umas das maiores altas no mês - 3,3%, após uma queda de 1,02% em outubro. Segundo Gilberto de Souza Biojone Filho, diretor do Banco Financeiro e Industrial de Investimento, associado ao

Sudameris, o Scala tem a maior parte de seu patrimônio aplicado em papéis brasileiros e vem procurando diversificar seu portfólio com IDU, C-bonds e Par-bonds. O patrimônio do Scala é de US\$ 7,6 milhões.

A conjuntura internacional indica que há espaço para novas altas dos rendimentos dos títulos da dívida ex-

terna, não só brasileira mas também de outros países da América Latina. Mas os papéis do Brasil, na opinião dos administradores, têm um espaço ainda maior para crescer. E por um motivo simples - após a correção técnica de outubro, eles subiram menos que os títulos da Argentina, Venezuela e até do Equador.

"As especulações sobre o déficit na balança comercial brasileira deixaram os investidores receosos. Além disso, os resultados das eleições municipais não foram assim tão favoráveis ao governo", diz um dos responsáveis pela área no Opportunity Asset

Management. A instituição tem dois fundos internacionais ("offshore") que aplicam em títulos da dívida externa - um de IDU que, a exemplo dos lançados pelo Matrix, tem prazo de vencimento em 2001, quando também expira o prazo dos papéis, e o Emerging Marketing Sovereign Debt, que acompanha o índice do banco JP Morgan e, hoje, tem 80% de seu patrimônio aplicado em títulos da dívida brasileira. A expectativa dos profissionais do mercado é de que a recuperação dos papéis da dívida externa deverá se acentuar entre o final de dezembro e janeiro.